

fazer história contemporânea

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 11 • 2011

# Nota de Apresentação

Luís Reis Torgal



*Fazer História*, na sua versão portuguesa de 1981, ou *Faire de l'Histoire*, na versão original francesa de 1974, obra dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, foi o título que inspirou este número da revista, como tem inspirado outros livros de história (como *Faire de l'histoire orale dans une ville africaine*, do congolês Donatien Dibwe Dia Mwembu, publicada em Paris, em 2008). Não temos dúvidas em dizer que a influência francesa foi determinante nas nossas gerações, embora essa influência não excluísse uma reflexão crítica sobre uma espécie de “imperialismo” que exercia então essa historiografia. Procurava-se “fazer história” sobre novos temas com novas metodologias, mas sem cair no modismo que destrói a originalidade e engana o leitor.

A interdisciplinaridade que caracteriza este Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, a que começámos a chamar tão-só CEIS20, e a sua revista, *Estudos do Século XX*, fundada em 2001, justamente quando um novo século começava, exigia uma reflexão sobre o que é “fazer história” da época contemporânea. É uma reflexão complexa e nunca esgotada. E se comporta questões teóricas que devem ser debatidas, supõe igualmente a *prática*, o acto de “fazer história” sobre (novos e velhos) temas de história contemporânea.

Já lá vai, felizmente, o tempo em que se considerava que a história contemporânea, sobretudo do século XX, significava “fazer jornalismo (histórico)”. “Contemporâneo” é, aliás, um dos conceitos mais discutíveis das categorias históricas, assim como são, de resto, todas as categorias cronológicas, sobretudo a “Idade Média” que, como se sabe, surgiu de uma noção “ideológica” (como diríamos hoje) nascida no Renascimento. Todavia, por mais que historiadores e pedagogos tenham querido substituir estes conceitos, como sucedeu, em Portugal, na reforma nacional do currículo do curso de História de 1978, em que as designações tradicionais deram lugar a uma divisão cronológica por séculos, o certo é que, teimosamente, voltámos e voltaremos sempre a essa nomenclatura de... “Antiguidade”, “Idade Média”, “Época Moderna”, “Época Contemporânea”. E sempre se diz que a Época Contemporânea se iniciou com a Revolução Francesa de 1789 ou, mais genericamente e sem dúvida com maior correcção, com as revoluções liberais. Trata-se afinal de uma visão iluminista, liberal, racionalista e “progressista” do “contemporâneo”, como se houvesse um curso histórico de “progresso” a percorrer, esquecendo que o século XX, apesar do desenvolvimento científico e tecnológico alcançado, sentiu no corpo e na alma duas guerras mundiais, conheceu o peso repressivo de Estados autoritários e totalitários de toda a espécie, viu formar ideais e cair ideais, assistiu a novas “guerras de religião” e do capitalismo, de novo à exploração do trabalhador e à perda de direitos por que lutou e a uma “crise anunciada”, económica, social e cultural, que se abateu com mais força neste início do século XXI. Mas o conceito de “contemporâneo” é mesmo contraditório na sua significação etimológica, pois “contemporâneo” significa “que é do mesmo tempo”, “que vive na mesma época”, ou seja, tudo é afinal contemporâneo, pois vários acontecimentos ou pessoas são coetâneas. Adotar esta terminologia é, pois, dar azo a todo um conjunto de interrogações, que se tornam cada vez mais problemáticas à medida que se vão questionando as formas de “fazer história” sobre vários temas.

A historiografia do “contemporâneo” em Portugal começou com o estudo do século XIX, já no século XIX, como se pode ver na historiografia e na historiosofia ideológica, por exemplo, de José de Arriaga, Luz Soriano ou Oliveira Martins (autor

precisamente de um livro chamado *Portugal Contemporâneo*, 1881). Mas os exageros metodológicos e outras ideologias afastaram os historiadores da história do século XIX, já para não falar da história do século XX. Ela só ressurgiria verdadeiramente, pela via extra-universitária e universitária, nos anos sessenta do século passado, com uma lógica, expressa ou implícita, de “oposição” à ditadura. Por sua vez, a historiografia sobre o século XX, embora sempre presente no que diz respeito à história da República ou das suas origens (data de 1930 a ideologicamente republicana *História do Regimen Republicano*, coordenada por Luís de Montalvor), só apareceria, sobretudo no que ao Estado Novo dizia respeito, a partir dos anos setenta.

Hoje a historiografia da “época contemporânea” aborda todos os períodos e serve-se de todas as fontes, apesar dos abusos que por vezes comete ao confundir o que se chama “história oral” (inexistente como categoria do saber) com fontes orais, que devem ser usadas pelo historiador com todos os cuidados que qualquer outra fonte exige e pelos antropólogos como elemento fundamental para a elaboração da sua ciência; ao confundir História com Memória, que deve ser preservada e tratada como documento fundamental para o historiador “fazer história”; ao confundir reportagem do tempo presente (que afinal nunca é presente), com a “história do tempo presente”, que poderá resultar de uma análise de historiador, com os seus instrumentos metodológicos adaptados a fontes *sui generis* de informação.

Neste volume encontraremos, pois, alguns artigos que abordam questões teóricas e metodológicas sobre pontos aqui referidos, como o significado da memória, da “história do tempo presente”, ou o sentido das relações entre história e comunicação ou a importância dos arquivos sonoros, ou o significado de conceitos usados normalmente na história contemporânea, por vezes sem precisão. Mas também nos vamos deparar com os mais variados temas de história contemporânea do século XX, desde o desporto, a fotografia e o cinema à reflexão sobre questões da colonização e da descolonização, ao significado de instituições de educação e de educação política, à religiosidade, a teorias científicas, ao sentido das biografias em história ou mesmo a reflexões sobre personalidades representativas da história de Portugal contemporâneo. Alguns artigos constituem discursos interpretativos sobre o “estado da arte”, outros têm um sentido de divulgação de matérias pouco conhecidas ou pouco faladas, alguns são ensaios inacabados sobre temas que merecem aprofundamentos ou a continuação de estudos que os autores irão prosseguir... Enfim, são *artigos de revista* e não obras de fundo, que merecem ser lidos e criticados. São contributos, mais ou menos simples ou complexos, para “fazer história contemporânea”.

Este volume da revista *Estudos do Século XX* foi coordenado em nome do grupo de pesquisa “Arquivo da Memória e História do Século XX”, a que o Doutor Luís Oliveira Andrade, professor da Universidade de Aveiro, pertencia. Ele próprio colaborou na coordenação do volume 3, de 2003, desta revista, sobre o tema “Colonialismo, Anticolonialismo e Identidades Nacionais”. Não se trata de um número feito propositadamente para homenagear o colega que nos deixou num dia de Março de 2005, embora esteja sempre presente na nossa memória. Se assim fosse, teria outros colaboradores, pois só alguns dos que aqui escreveram conviveram com ele como colega e investigador do

CEIS20. No entanto, quando terminámos a sua organização, propusemos, em várias reuniões, que dedicássemos este volume ao colega sobre o qual se escreveu um *In Memoriam* no volume 5, de 2005. Em todas as sessões obtive, como era de esperar, um voto unânime. O Doutor Luís Miguel Oliveira Andrade não era apenas um colega de todos nós – era um verdadeiro Amigo.

Coimbra, 13 de Junho de 2011

Luís Reis Torgal